

APRESENTAÇÕES

No Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, com base em abordagens de uma História Social preocupada com a cultura, os modos de ser e de viver, as diversas maneiras de organização e de luta, concentrando atenções em experiências sociais compartilhadas e/ou confrontadas, já há alguns anos estamos trabalhando com documentação e História Oral. Nesse sentido, acompanhamos as possibilidades que a História Social encontra na História Oral para sustentar e avançar suas formas de compreensão do fazer-se dos sujeitos a partir do significado que atribuem a suas experiências de vida e de luta, de como as vivenciam em suas tradições e culturas, de como se vêem e se relacionam com outros sujeitos de seu cotidiano.

Em função de projetos de pesquisa de nossos professores, de demandas de alunos que, egressos de diferentes movimentos sociais, pretendem sistematizar e apreender tais movimentos a partir das vozes de seus protagonistas, ou que, partindo da oralidade, procuram ampliar a compreensão de linguagens e meios de comunicação para chegarem a grupos sociais até então à margem da cultura letrada, temos enfrentado os desafios de produzir dissertações e teses pautadas na metodologia da História Oral.

Nesse processo, o trabalho de recolher depoimentos e produzir estudos ancorados em entrevistas ou histórias de vida foi sendo amadurecido entre nós, atingindo, hoje, expressivos níveis de aprofundamento. Tanto na discussão teórica sobre a utilização desses materiais, quanto nas reflexões sobre memória e história, transmissão e tradição oral, narração e criação de significados, assim como na apreensão de tensões entre cultura letrada e oral. Sempre em contínuas problematizações sobre as implicações metodológicas do uso da História Oral como referência para o ofício do historiador e demais cientistas sociais comprometidos com o reconhecimento das diferenças de experiências, de culturas e de linguagens.

Em função desta trajetória foi que o Programa de História da PUC-SP acolheu o evento “Ética e História Oral”, em convênio com o Centro Cultural Banco do Brasil e o CPDOC, foruns também preocupados e integrados a práticas de pesquisa com docu-

mentação oral. Com o Centro Cultural Banco do Brasil, a parceria se estende para esta publicação das conferências, debates e depoimentos então registrados, em São Paulo e Rio de Janeiro, na perspectiva de expandir as formas de acesso e discussão de questões subjacentes ao trabalho com documentação oral.

Sediar a realização deste evento e editar o material então produzido, representam, para nosso Programa de Pós-Graduação, mais que trazer ao mundo acadêmico as implicações éticas e teórico-metodológicas inerentes à incorporação do uso de documentos orais na produção de teses/dissertações. Significam, também, aprofundarmos nossas reflexões sobre documentação e História Oral enquanto possibilidades de apreensão de modos de ser, de viver, de conhecer, de se organizar e de lutar presentes na memória e na cultura popular.

Não no sentido de resgatar “elos perdidos”, em uma perspectiva linear-evolutiva, mas de surpreender, nas temporalidades da memória e nos diálogos com sujeitos constituídos a partir de experiências de luta e tradições de oralidade, o contínuo refazer-se do popular. Recuperando o jogo entre a letra e a voz,¹ a História Oral reaproxima a fala da escrita² enquanto traz à tona encontros/confrontos da oralidade com a palavra impressa, revelando quão saturadas e tensas são as relações entre a cultura oral popular e a cultura letrada erudita.

Nesta perspectiva, importa participar e divulgar debates trazidos por suas estratégias de estudo porque, além de nos colocar frente a uma história aberta, uma memória ativa e à multiplicidade de modos com que os sujeitos trabalham suas experiências, a História Oral atualiza discussões sobre a escrita da História. Ao focalizar atenções no intercâmbio entre a oralidade e o letramento e ao deixar evidente a presença do historiador na produção das fontes e na construção de sua narrativa, a História Oral renova questionamentos às pretensões de neutralidade e objetividade da análise histórica. Colocando em cheque tais postulados positivistas com novos argumentos e exercícios de pesquisa, o trabalho com documentos orais retoma a pauta das relações do historiador com documentos escritos e grafados em geral, problematizando pressupostos da produção historiográfica.

1 Cf. Zumthor, P. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

2 “A fala e a escrita, por muitos séculos, não existiram separadamente: se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a moderna oralidade por si está saturada de escrita”. Portelli, A. O que faz a História Oral diferente. *Revista Projeto História*, 14. São Paulo, Educ, 1997.

São essas virtudes, desafios e questões que a História Oral vem trazendo para os historiadores, que a colocam no horizonte de nossas preocupações, sinalizando para o sentido de eventos e publicações que tematizam ângulos e recortes do trabalho com testemunhos orais.

Por priorizar a escuta e para permitir acompanhar caminhos por onde vem fluindo a História Oral, optamos pela apresentação a duas vozes.

Maria Antonieta Antonacci
Coordenadora do Programa de Estudos
Pós-Graduados em História da PUC-SP

A elaboração do evento “Ética e História Oral” inseriu-se dentro do amplo debate que atravessou a sociedade brasileira em meados da década de 90, em torno da ética em suas instituições, práticas, valores e comportamentos. Acrescido a esta conjuntura favorável, há um outro fator que corroborou a importância de propormos esta discussão à comunidade de História Oral brasileira, que é o próprio crescimento e amadurecimento das experiências prático-teóricas em História Oral, ocorrido nos últimos cinco anos no Brasil.

Em termos “estratégicos,” a idéia de perfilar previamente um fio temático nos pareceu produtiva, pois possibilitaria um intercâmbio mais efetivo entre seus participantes — convidados estrangeiros e nacionais e público ouvinte. Ao fazê-los convergir e debruçar sobre um mesmo questionamento, acreditávamos poder estimulá-los à compreensão da problemática em jogo, revelando, desta forma, as diferenças e as respostas singulares diante do que essa questão convoca em cada contexto específico.

O evento “Ética e História Oral”, que se constituiu de palestras, debates, depoimentos de história de vida e projeção de documentários a partir de depoimentos orais, transcendeu as expectativas vislumbradas previamente ao encontro. A essencialidade que a ética assume na produção do documento oral inviabiliza qualquer tentativa de circunscrição e esquadramento. Respeitar alguns procedimentos padrões como: a restituição da transcrição ao depoente, desligar o gravador em momentos de forte comoção, assinar o termo de concessão são necessários, mas não é o seu simples cumprimento que assegura um compromisso ético na construção do documento oral. O que ficou nítido a partir das várias análises e intervenções é que a ética na História Oral está sempre relacionada ao campo de experimentação onde se encontra articulada.

O painel de experiências promovido pelo encontro atesta essa abrangência e complexidade. Lutz Niethammer falou-nos sobre a força da História Oral no sentido de libertar a memória de seus cárceres defensivos; Mary Marshall Clark, sobre a responsabilidade da História Oral em explicitar a dimensão compartilhada de toda experiência,

especialmente em contextos altamente individualistas, como o caso dos EUA; Alistair Thomson despertou-nos para o potencial transgressivo da História Oral, ao questionar certas lendas públicas, entendendo por público a própria família, local de trabalho, clube; Alessandro Portelli, com sua habilidade de tecelão, pontilhou-nos todo o percurso de uma pesquisa de História Oral, remontando o que são boas maneiras, a tensão entre igualdade e diferença, os limites e o alcance da interpretação e restituição do depoimento oral; Eduardo Coutinho, a partir de sua perspectiva como cineasta, chamou-nos atenção para o compromisso que a escuta em relação ao *outro* engendra, e que implica a garantia de sua dignidade; Marieta de Moraes Ferreira alertou-nos sobre a tradição crítica da História Oral e os riscos e os cuidados de uma utilização com fins promocionais e celebrativos; Janaína Amado mobilizou-nos ao lembrar-nos que as pessoas não são papéis, exigindo do pesquisador um tratamento sensível e cauteloso de suas fontes, já que a sua interpretação pode incidir diretamente sobre a existência concreta de seus informantes.

Além da diversidade de perspectivas e tratamentos que nos foi exposta, o encontro também favoreceu o enfrentamento com uma questão que está subjacente à toda e qualquer discussão em História Oral, que é o liame sempre frágil entre teoria e prática. O fato de a História Oral ser uma experiência intelectual absolutamente intempestiva, mutante e heterogênea leva-nos a pensar que para a sua teoria ser-lhe continente, ela deve necessariamente dispor de agilidade para acompanhar os seus saltos e generosidade para contemplar a sua multiplicidade. A teoria de História Oral, para que seja fiel à sua prática, deve manter-se arejada e flexível às ventanias alimentadas sem intermitências pela experiência concreta, de forma a nos ajudar a compreender cada nova paisagem com a qual nos defrontamos.

Um último aspecto que reverbera no material colhido pelo evento “Ética e História Oral”, e que poderá ser apreciado a partir desta publicação, é a relação de indissociabilidade entre subjetividade e cultura. Segundo Suely Rolnik: “Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil”³. A História Oral, ao “tratar” (Alessandro Portelli) basicamente da subjetividade está inalienavelmente engajada na compreensão da realidade cultural que dá estofamento para a sua trama sensível.

3 Rolnik, S. Subjetividade, ética e cultura nas práticas clínicas. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.3, nº 2. Dossiê Subjetividade, set./fev., 1995, p. 308.

Esta relação atávica pode ser observada tanto no tipo de intervenção e teorização que cada um de nossos palestrantes propõem, como nos seus próprios depoimentos de história de vida, em que fica patente que as escolhas, os valores, os caminhos e descaminhos, as insistências, os dramas e os fantasmas estão sempre ancorados e dialogando com uma experiência cultural coletiva.

Esperamos que este empenho sustentado e investido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP e pelo Centro Cultural Banco do Brasil, tanto na viabilização do evento como na de sua publicação, contribua para a efervescência e inquietude que a discussão prática e teórica de História Oral nos provoca.

Daisy Perelmutter
Curadora e Produtora do evento “Ética e História Oral”